

REPRESENTAÇÕES DA NOITE: Uma leitura de quatro sonetos de Laura Rosa

REPRESENTATIONS OF THE NIGHT: A reading of four sonnets by Laura Rosa

José Ribamar Neres Costa*

Resumo: O objetivo deste artigo é fazer uma leitura crítica de “Poema das noites”, de autoria de Laura Rosa, e que foi publicado no jornal Folha do Povo, em novembro de 1925. Trata-se de um texto composto de quatro sonetos que têm como tema central a noite e alguns de seus aspectos simbólicos. Além da análise do poema, é feito um breve levantamento da vida e da produção literária da autora. O trabalho é oriundo de uma investigação de caráter bibliográfico, com pesquisa na hemeroteca virtual da Biblioteca Nacional, e culminou em uma leitura crítica dos textos que compõem o referido poema. Os principais autores utilizados na pesquisa foram Goulart e Silva (1997), Moisés (2004), Ferreira (2010) e Motta (2016).

Palavras-Chave: Literatura Maranhense. Poesia. Estudos literários.

Abstract: The objective of this paper is to make a critical reading of “Poema das noites”, by Laura Rosa, which was published in the newspaper “Folha do Povo”, in November 1925. It is a text composed of four sonnets that have as central theme the night and some of its symbolic aspects. In addition to the analysis of the poem, a brief survey of the author's life and literary production is made. The work comes from a bibliographic investigation with research in the virtual library of the Biblioteca Nacional and culminated in a critical reading of the texts that make up the poem. The main authors used in the characterization of the author's literary style were Goulart and Silva (1997), Moisés (2004), Ferreira (2010) and Motta (2016).

Keywords: Literature from Maranhão. Poetry. Literary Studies.

Introdução

Laura Rosa (1884-1976) foi a primeira mulher a ser eleita para a Academia Maranhense de Letras. Durante décadas, ela, como professora, contista, cronista e poetisa, teve importante participação na vida cultural do Maranhão, com intensa colaboração em jornais e revistas de sua época. No entanto, com o passar dos tempos, sua obra, quase toda esparsa e sem reedições, caiu no esquecimento e ela acabou ficando mais conhecida pela efeméride relacionada com a AML do que por sua produção intelectual.

Mesmo com algumas tentativas de resgatar os trabalhos de Laura Rosa, principalmente por parte da professora Diomar das Graças Motta, as edições limitadas de seus poemas e de sua prosa não foram suficientes para popularizar seus versos e seus estudos perante os amantes da poesia e os pesquisadores da literatura e da educação.

* Doutor em Meio Ambiente e Desenvolvimento Regional (UNIDERP), mestre em Educação (UCB), Graduado em Letras Português-Espanhol (Ufma), História (Uninter) e Pedagogia (Uninter).

Embora sendo uma escritora de extrema importância para a história da literatura maranhense e que foi citada e elogiada por diversos estudiosos como Antônio Lobo e Clóvis Ramos, uma parte da produção em prosa e em verso dessa autora foi publicada apenas em antologias e em jornais, oferecendo possibilidades para novos estudos, como é o caso deste artigo no qual são analisados os quatro sonetos que compõem o conjunto intitulado “Poema das Noites” e que foram localizados no jornal *Folha do Povo*, na edição de 21 de novembro de 1925.

O presente estudo encontra-se dividido em três partes complementares entre si. No primeiro momento, são feitas algumas considerações acerca da vida, da obra e da recepção crítica da obra da autora, tendo como base nos trabalhos de Ramos (1993), Lobo (2006), Ferreira (2010), Moisés (2014), Motta (2016) e Lobo (2021). Logo depois, é apresentado o poema em sua forma original conforme aparece no supracitado jornal, seguido de uma atualização ortográfica, para se encaixar nos padrões da norma vigente, mas sem comprometimento do conteúdo. Finalmente, os quatro sonetos que compõem o poema são analisados um a um e cotejados quanto à temática que os une.

A relevância social e cultural deste artigo encontra-se, principalmente, na oportunidade de trazer, novamente, à tona a discussão da vida e da obra dessa importante escritora maranhense e, ao mesmo tempo, empreender uma análise interpretativa de um poema pouco estudado e que não faz parte do volume organizado por Motta (2016). O presente estudo não tem a pretensão de ser definitivo e busca também despertar o interesse de outros pesquisadores pela produção literária de Laura Rosa.

Laura Rosa: Breves comentários biobibliográficos

Laura Rosa nasceu no dia 1º de outubro de 1884, na rua das Crioulas, na sede da antiga Fábrica Santa Amélia, em São Luís do Maranhão. Sua mãe, a senhora Cecília da Conceição Rosa, prestava serviço para a fábrica e ali mesmo teve a criança. O pai da menina não reconheceu a filha e seu nome é até hoje ignorado.

Desde cedo, Laura Rosa contou com o providencial apoio de seus padrinhos – o doutor Antenor Coelho de Sousa e a senhora Lucília Wilson Coelho de Souza, que era carinhosamente chamada de Lucy Coelho de Souza por diversos setores da sociedade

maranhense da época. Foi, inclusive, com sua madrinha que Laura Rosa teve aulas de inglês, conforme atesta o escritor José Jansen Ferreira em seu discurso de posse na Academia Maranhense de Letras, ao lembrar que:

Eu estudava inglês com essa mulher admirável que foi dona Lucília Wilson Coelho de Souza, madrinha de Laura Rosa, quando um dia dona Lucília perguntou-me se eu gostaria de ter a companhia de uma colega nas minhas aulas. Recebi a ideia com satisfação pois seria uma forma de exercitar o diálogo e assim tive a oportunidade de conhecer de perto e conversar, em dias alternados, com a poetisa de quem já conhecia algumas composições (FERREIRA, 2010, p. 89).

É também esse mesmo acadêmico que traça um breve perfil físico da autora de *As promessas*, ao dizer que ela, além de ser de baixa estatura, era também “sensível, modesta, afável, de falar brando. Laura Rosa tinha espírito comunicativo e estava sempre bem-humorada com seu sorriso acolhedor e os pequeninos olhos negros e reluzentes” (FERREIRA, 2010, p. 89), no que é secundado por Motta (2016, p. 81), que afirma ser a poetisa maranhense uma mulher “frágil, morena, de 1,50cm de altura”.

Laura Rosa, que assinava a maioria de seus textos com o pseudônimo de Violeta do Campo, abraçou a carreira do magistério e, no ano de 1909, terminou o curso de Normalista, colando grau no ano seguinte, conforme pode ser confirmado em jornais da época. Após diplomada, ela fez concurso para o cargo de professora normalista, foi aprovada e, no dia 04 de julho de 1914, foi nomeada para assumir o cargo na cidade de Caxias, juntamente com a professora Zelinda de Souza Machado, também aprovada para a mesma localidade. Durante quatro anos, Laura Rosa permaneceu em Caxias, depois regressou a São Luís, exercendo a profissão em instituições públicas até 1944, quando entrou em processo de aposentadoria.

De volta à capital maranhense, ela além de colaborar em jornais e de exercer ativa influência social, também se dedicou a ministrar aulas particulares em sua residência, conforme pode ser visto no anúncio que fez circular no jornal *Diário de São Luiz* durante aproximadamente três meses no início do ano de 1925, com o seguinte teor:

“Laura Rosa, professora normalista, recebe, particularmente, alunos para o curso primário e propõe-se a preparar para os exames de admissão nos cursos profissional, ginásial e complementar aqueles que a procurarem. A tratar à Travessa da Independência, 8 (DIÁRIO DE SÃO LUIZ, 16.02.1925).

Em 1943, a escritora foi eleita para os quadros da Academia Maranhense de Letras, onde ocupou a cadeira número 26, patroneada por Antônio Lobo, que havia sido seu professor, conforme ela mesma declarou em seu discurso de posse proferido na noite de 17 de abril do mesmo ano. Nesse discurso, ela chamou a atenção da plateia para as riquezas culturais do Maranhão, lembrando também o fato de haver sido a primeira mulher a ser aceita naquela instituição, conforme pode ser lido no fragmento abaixo.

Mas, ao Maranhão, cabe a responsabilidade, imensurável, de zelar pela memória desses antepassados; o dever moral e intelectual de transmitir às gerações vindouras e à presente, o amor à sapiência, valor incontestável para a vida, o amor às mais belas letras e o grande culto respeitoso ao valioso patrimônio que lhe foi confiado.

Sejamos brasileiros, meus caros conterrâneos, mas sejamos grandemente maranhenses. (...)

Eis-me, portanto, aqui, Senhores, a primeira mulher que aqui entra, porque assim o quiseram os homens ilustrados desta agremiação, guardas fiéis de nossas tradições literárias (ROSA, 1998, p. 15).

Extremamente ativa com relação aos acontecimentos culturais do Estado, Laura Rosa aparece entre os sócios honorários do “Centro Cultural Coelho Neto, inaugurado em 07 de setembro de 1947” (LIMA FILHO, 2014, p. 234), tendo como patrono o cônego Árias Cruz.

A escritora faleceu aos noventa e dois anos de idade, na cidade de Caxias, em 14 de abril de 1976. No primeiro dia do ano seguinte, no Balanço Cultural do *Jornal Posição*, dirigido pelo professor, poeta e crítico literário Carlos Cunha, o passamento de Laura Rosa foi lembrado com as seguintes palavras: “O fato que enlutou a Academia foi o falecimento da grande poetisa Laura Rosa. emérita professora e que vivia há muito tempo enferma, entre o carinho de sua afilhada e de amigos dedicados, em Caxias, Maranhão” (JORNAL POSIÇÃO, 1º.01.1977, p. 5). Tal acontecimento é destacado por Lima Filho (2014) como um dos eventos mais significativos da cidade de Caxias.

A produção de literatura de Laura Rosa é composta de dois livros publicados em vida: *As crianças*, de 1909, que traz o texto de uma conferência proferida naquele mesmo ano por ocasião do aniversário da Biblioteca Pública, e que foi reeditado em 2017, pela Universidade Federal do Maranhão, com organização da professora Diomar das Graças Motta; e *As Promessas*, livro de contos publicado em 1911, que foi relativamente bem recebido pelos

leitores e pela crítica do início do século XX, como atestam alguns textos publicados em jornais da época, como o seguinte, que circulou inicialmente na *Gazeta de Teresina*, na edição de 26 de julho e foi reproduzida pelo *Correio da Tarde*, de 26 de outubro do mesmo anos de 1911:

Laura Rosa, talentosa escritora maranhense, que, em Caxias, serve brilhantemente à causa popular, teve a fidalga gentileza de ofertar-nos um exemplar de seus belos contos enfeitados sob o título “As Promessas”. Embora seja o ensaio da vida intelectual da inteligente senhorita, ainda assim o “As Promessas” revela um intelecto de mulher do qual muito se tem a esperar.

O livro de Laura Rosa é uma estreia que somente aplausos merece. Máxime sendo feito por uma representante do sexo que, entre nós, tão proverbialmente se mostra avesso às manifestações em prol das coisas das letras.

Mandamos à gentil escritora os mais respeitosos e sinceros saudades da “Gazeta”, de par com os melhores agradecimentos pelo mimo, que nos fez, do seu apreciável livro, que tem 130 páginas e foi preparado nas oficinas da Imprensa Oficial do Maranhão (CORREIO DA TARDE, 26.10.1911).

Mesmo sem assinatura, pois se trata de um agradecimento da própria editoria do Jornal, e com algumas pitadas de machismo, que era recorrente em outras críticas publicadas naquele começo de século, é possível perceber-se que o livro havia agradado bastante aos leitores. Em outro texto, também publicado no Piauí e assinado por alguém que se identificou apenas como X, o articulista chega mesmo a comentar alguns dos contos da obra:

No “O Dico”, conto de infância, rendilhado de pitoresco e ingênuo colóquio, Laura Rosa pinta a impressionabilidade bizarra de uma cabeça de criança. “O meu primeiro conto” e uma leve fantasia aérea do desdobramento psíquico da personalidade de uma menina. “O sopro deus”, uma verdadeira comediuzinha jovial e bem feita, é uma providencial rajada de vento que arranca o chinó de um velhote “enxerido” e pretencioso. A gargalhada que sucede ao desastre é magistral e muito bem descrita, acendendo-nos a chama de um bom riso (CORREIO DA TARDE, 10.10.1911, p. 02).

Grande parte, porém, da produção literária dessa escritora acabou ficando dispersa em jornais e revistas. 37 desses poemas foram recolhidos pela professora Diomar das Graças Motta e publicados pela Academia Maranhense de Letras, sob o título de *Poesia Reunida de Laura Rosa*. São textos que servem para o leitor conhecer um pouco da inventividade poética dessa escritora, cuja “sensibilidade é mesclada por ironias e de muita firmeza em sua expressão e de alto poder intuitivo” (MOTTA, 2017, p. 7).

No entanto, sabe-se que há outros poemas que não foram publicados e que, possivelmente, viriam a público em um volume intitulado *Castelos no ar*, mas cujos originais

encontram-se desaparecidos. Sobre isso, José Jansen Ferreira, sucessor de Laura Rosa na cadeira 26 da Academia Maranhense de Letras comentou o seguinte:

Laura Rosa possuía um grande e belo álbum para autógrafos, já com muitos textos, desenhos e pinturas. Pedi-me desenhos e algo que escrevesse. Procurei satisfazer-lhe e ela mostrou-se satisfeita.

Eu gostaria de saber por onde andaré essa relíquia e os originais de dois trabalhos inéditos que deixou: *Conferências* e *Castelos no ar* (FERREIRA, 2010, p. 90).

Atualmente Laura Rosa, mesmo tendo suas obras fora de edição e vistas como raridades bibliográficas, é bastante lembrada por sua intelectualidade, sendo escolhida para patronear diversas instituições culturais, como, por exemplo, Academia Caxiense de Letras, Academia Ludovicense de Letras e Instituto Histórico e Geográfico de Caxias, além de ser nome de escolas.

Materiais e Métodos

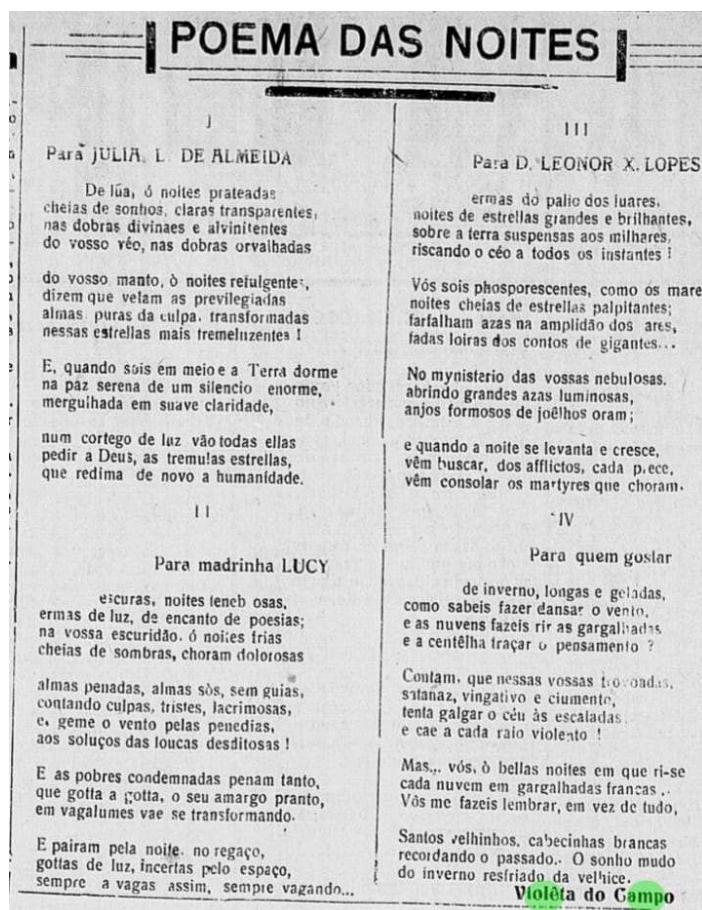
Cada pesquisa segue um percurso metodológico diferente de outras congêneres. Esta nasceu após a leitura do livro *Poesia reunida de Laura Rosa*, organizado pela professora doutora Diomar das Graças Motta (2016), que coletou em revistas e jornais parte da produção poética da primeira mulher a ser eleita e a tomar posse na Academia Maranhense de Letras. O supracitado livro mostra o talento literário de Laura Rosa e deixa margens para outras possibilidades de busca de textos que não tenham sido localizados.

Partindo desse pressuposto, foi feito um levantamento na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional utilizando duas *tags* específicas: “Laura Rosa” (com 671 *matches* distribuídos em 17 títulos de diferentes jornais) e “Violeta do Campo” (com 36 *matches*, distribuídos em 8 títulos de jornais), dentro do período de vida e produção literária da autora e de publicação dos periódicos disponíveis e publicados no Maranhão, o que cobriu um intervalo temporal que vai de 1890 até 1962. A seguir, foi feita uma filtragem manual de cada uma dessas possibilidades de resposta, pois muitas se referiam a mulheres homônimas à escritora. Depois, procedeu-se à categorização das amostras em poemas, notas sociais, reclames publicitários e demais notícias. Sendo que, para esta pesquisa, o interesse focal estava dirigido para os poemas publicados em jornais e que não foram coletados por Motta (2016).

Foram, então, localizados, além de textos em prosa, os seguintes poemas: “Andorinha da Torre” (*Jornal do Maranhão*, 11.01.1960); “Bilhete” (*O Jornal*, 21.09.1921); “Maio” (*Diário de São Luiz*, 21.05.1925); “Ensino Objectivo” (*Folha do Povo*, 16.11.1926);

“Aquellas cruces...” (*Folha do Povo*, 05.11.1926); “Vaporosa” (*Folha do Povo*, 26.10.1926); e “Poema das Noites” (*Folha do Povo*, 21.11.1925). Fora do Maranhão, foi encontrado também o soneto “Saudade”, publicado no *Jornal Independente Alto Madeira*, em 02.03.1919. Ato contínuo, foi feita também uma busca no acervo digital da Biblioteca Pública Benedito Leite e ali foram encontrados também alguns textos em prosa dessa autora, mas que não são aqui nominados, por fugirem à temática central deste estudo.

Para este estudo em particular, foram escolhidos os quatro sonetos que compõem o conjunto intitulado “Poema das noites”, que depois de lidos, foram transcritos com a ortografia atualizada conforme o Acordo Ortográfico de 1990 e que começou a vigorar a partir de 2009. Conforme pode ser visto a seguir:



Fonte: *Folha do Povo*, 21 de novembro de 1925

POEMA DAS NOITES

I

Para Júlia L. de Almeida

De lua, ó noites prateadas
cheias de sonhos, claras, transparentes,
nas dobras divinais e alvinitentes
do vosso véu, nas dobras orvalhadas

do vosso manto, ó noites refulgentes,
dizem que velam as privilegiadas
almas puras da culpa, transformadas
nessas estrelas mais tremeluzentes!

E quando saís em meio e a Terra dorme
na paz serena de um silêncio enorme,
mergulhada em suave claridade,

num cortejo de luz vão todas elas
pedir a Deus, as trêmulas estrelas,
que redima de novo a humanidade.

II

Para Madrinha LUCY

escuras, escuras, noites tenebrosas,
ermas de luz, de encanto de poesia;
na vossa escuridão, ó noites frias
cheias de sombra, choram dolorosas

almas penadas, almas sóas, sem guias,
contando culpas, tristes, lacrimosas,
e, geme o vento pelas penedias,
aos soluções das loucas desditosas!

E as pobres condenadas penam tanto,
que gota a gota, o seu amargo pranto.
em vagalumes vai se transformando.

E pairam pela noite, no regaço,
gotas de luz, incertas pelo espaço,
sempre a vagar assim, sempre vagando...

III

Para D. LEONOR X. LOPES

ermas dos pálios dos luares,
noites de estrelas grandes e brilhantes,
sobre a terra suspensas aos milhares,
riscando o céu a todos os instantes!

Vós sois fosforescentes, com os mares,
noites cheias de estrelas palpitantes;
farfalham asas na amplidão dos ares,
fadas loiras dos contos de gigantes...

No ministério das vossas nebulosas,
abrindo grandes asas luminosas,
anjos formosos de joelhos oram:

e quando a noite se levanta e cresce,
vêm buscar, dos aflitos, cada prece,
vêm consolar os mártires que choram.

IV

Para quem gostar

de invernos, longas e geladas,
como sabeis dançar o vento,
e às nuvens fazeis rir às gargalhadas,
e a centelha traçar o pensamento?

Contam, que nessas vossas trovoadas,
satanás, vingativo e ciumento,
tenta galgar o céu às escaladas,
e cai a cada raio violento!

mas... vós, ó belas noites em que ri-se
cada nuvem em gargalhadas francas.
Vós me fazeis lembrar, em vez de tudo,

Santos velhinhos, cabecinhas brancas
recordando o passado. O sonho mudo
do inverno resfriado da velhice.

Este trabalho trata-se, então de um artigo cujo levantamento das informações se deu a partir de pesquisa bibliográfica, que é aquela “realizada a partir de fontes secundárias, ou seja, por meio de material já publicado, como livros, revistas e artigos científicos” (RODRIGUES, 2006, p. 89) e de incursões na hemeroteca digital da Biblioteca em busca de poemas da autora.

A abordagem deste estudo é predominantemente qualitativa, sem necessidade de utilização de dados estatísticos (RODRIGUES, 2006), e os resultados serão estão vinculados a uma leitura crítica dos textos da autora estudada cotejados com teorias defendidas por autores diversos, sendo que, neste estudo, será considerada leitura crítica aquela “onde existe um confronto de ideias entre o leitor e o autor”, conforme defendem Bastos e Keller (2007, p. 44).

Resultados e Discussões

Não obstante os fatos de haver sido a primeira mulher a ingressar nos quadros da Academia Maranhense de Letras, de haver publicado livros e de exercer constante atividade intelectual em jornais e revistas, a obra de Laura Rosa ainda é pouco estudada. A dificuldade de acesso à sua produção técnica e artística constitui um grande empecilho para a divulgação dos textos dessa escritora maranhense.

Aparentemente, o poema de Laura Rosa que teve maior repercussão entre seus admiradores foi o soneto “Esqueleto de folha”, que segundo José Jansen Ferreira, teve sua gênese quando:

Ao lado da casa da madrinha, havia espaçosa chácara, semeada de árvores e flores. Ali, sob a copa acolhedora das velhas mangueiras e sapotizeiras, ficava ela nas suas horas de lazer, lendo e observando a vida estuante de seiva, sentindo o cheiro da terra úmida e das florações novas que vinha pelo ar. Numa dessas tarde, tomando do solo uma folha morta, já sem a clorofila natural, e observando o caprichoso desenho formado pelas nervuras, teve inspiração para esse delicado soneto O Esqueleto da Folha (cujo autógrafo, que me foi dado por ela, doei ao Museu Histórico e Artístico do Maranhão) (FERREIRA, 2010, p. 90).

Esse mesmo soneto é aludido quando o poeta e acadêmico Fernando Viana homenageou diversas personalidades maranhenses em seu livro *Passarela & outros perfis*. No soneto dedicado à Laura Rosa, o autor, nos tercetos descreve a escritora do seguinte modo:

Mestra por largo tempo, o magistério
Exerceu com ternura e devoção
E sob elevadíssimo critério.

Artífice do verso, a sua escolha
Para imortal deve-se à perfeição
Com que fez um soneto numa folha... (VIANA, 1991, p. 50).

Contudo, mesmo o “Esqueleto de folhas” e outros poemas sendo vez ou outra reproduzidos, como é o caso de “O meu amigo”, reproduzido por Ramos (1993, p. 84), que também pode ser encontrado na antologia *Sonetos Maranhenses*, de 1922, e em Lobo (2021, p.

138); de “A carnaubeira” (VALLE, 1937, p. 103), e de alguns outros que aparecem de forma esparsa, alguns poemas de Laura Rosa ainda estão inéditos em livros, podendo ser encontrados apenas em arquivos jornais. Este é o caso de “Poema das noites”, um conjunto de quatro sonetos com variações sobre uma mesma temática – a noite – e que será comentado a seguir.

Primeiro, é importante atentar para o título – “Poema das noites”. O substantivo inicial no singular evidencia que a autora considerou o fato de se tratar de apenas um texto dividido em quatro partes. Se, por um lado, os quatro sonetos que compõem o poema podem ser lidos de forma isolada, como se fossem quatro poemas independentes, eles podem ganhar maior densidade significativa quando lidos em sua integridade, pois, de alguma forma, apresentam uma sequência temática e campos semânticos que se complementam.

A opção da autora pela forma fixa do soneto, uma “composição poética de catorze versos, dispostos em dois quartetos e dois tercetos” (MOISÉS, 2004, p. 432), demonstra sua filiação às estéticas mais clássicas, como o Parnasianismo, caracterizado pelo “trabalho paciente, de ourivesaria, que repelindo a inspiração e a interferência do acaso, lapida o verso” (MOISÉS, 2004, p. 339), tentando interpretar a arte a partir da própria arte, repudiando inclusive as noções de “inspiração como fonte criadora” (GOULART e SILVA, 1994, p. 184) e ao Simbolismo, que embora negasse a objetividade parnasiana, e objetivasse a “restauração da subjetividade romântica, mas acrescentando-lhe dados novos, decorrentes do progresso geral” (MOISÉS, 2004, p. 421), mesmo sem renegar a rigidez formal. Ou seja, é possível perceber que a escritora conseguia unir em seus versos a carga subjetiva defendida pela estética simbolista às técnicas de versificação que eram preconizadas pelos autores parnasianos.

Tal observação dialoga com o que foi observado por Ramos (1993, p. 25) quando escreveu que Laura Rosa foi “considerada por muitos, a nossa melhor poetisa antes do modernismo”. A escritora maranhense apresenta em sua obra um “estilo correntio, escoimado de rebuscamentos” (FERREIRA, 2010, p. 91) e seus versos são “impregnados de sons, de cores, alguns na estética difundida por Cruz e Souza, Oscar Rosas, Virgílio Várzeas, Gonzaga Dutra, Nestor Victor, Medeiros e Albuquerque, Emiliano Pernetá, Alphonsus de Guimaraens e muitos outros”, como observou Ramos (1993, p. 26).

Dos quatro sonetos que compõem o “Poema das Noites”, três são dedicados a mulheres que eram admiradas pela escritora. No primeiro, a homenageada é a escritora Júlia Lopes de Almeida, autora de diversos livros que foi bastante lida na transição entre os séculos

XIX e XX. Sobre seu estilo Moisés (2014, p, 29) diz que “conquanto filiada ao Realismo, e apresentando ocasionais notas naturalistas (...) exhibe influências românticas”, sendo que “sua importância se situa também no fato de apresentar [a temática realista] do ponto de vista da personagem ou narradora feminina” (LOBO, 2006, p. 160).

Nesse soneto, a noite, além de ser banhada pela luz do luar, é cheia de sonhos. Alegoricamente, a alma das pessoas puras é representada pelo brilho das estrelas. Porém o que à primeira vista pode ser visto apenas como uma sugestão de descrição de algumas noites, acaba remetendo a uma mescla de desilusão e esperança. Há no terceto final um pedido a Deus para que a humanidade seja novamente redimida. Essa busca de redenção denota o reconhecimento de que é preciso a intervenção divina, motivada pelo pedido das privilegiadas almas desprovidas de culpas, para que haja uma regeneração de uma humanidade que, pelo menos aparentemente, está perdida.

No segundo soneto, dedicado à sua madrinha, dona Lucília Wilson Coelho de Sousa, “senhora de esmerada educação, que foi professora de inglês na Escola Normal” (MOTTA, 2016, p. 81), as noites deixaram de ser claras e foram tingidas com tons tenebrosos. O eixo semântico do poema é centrado em palavras que lembram frieza, sombras, dores e lágrimas. As almas puras do soneto anterior foram substituídas por almas penadas, sós, tristes, lacrimosas e repletas de culpa. Estas não se transformaram em estrelas, mas tiveram suas lágrimas transformadas em vagalumes sem rumo e sem esperança.

Dona Leonor Xavier Lopes, esposa do médico, jornalista e político Tarquínio Lopes Filho, que era proprietário do jornal onde o poema foi publicado em novembro de 1925, é a pessoa homenageada no terceiro soneto. Desta vez, a noite aparece iluminada por inúmeras estrelas. No entanto, essa aparente aura de serenidade e de brilho acaba encobrindo a imagem dos belos anjos orando ajoelhados. Noite alta, esses anjos saem para recolher a preces das pessoas que sofrem e que buscam em suas orações algum tipo de consolo. Novamente, há uma ênfase na dualidade existente entre o a aparência e a essência das coisas. A escritora construiu o texto como o todo pautada pela relação dialógica que existe entre o que é visível e apresentado pela luz lunar e o que se esconde nas sombras, mas que pode ser vislumbrado pelas frestas que permitem ao leitor breves olhares pelas fraturas sociais nem sempre expostas.

A última parte do “Poema das Noites” é dedicado genericamente “para quem gostar”. Como, na dedicatória, não aparece explicitamente o complemento indireto ao verbo

gostar, fica no ar uma aura de mistério, que se reproduz no soneto final. Agora a imagem poética remete a uma noite de tempestade, com ventos fortes, raios e trovões. Os raios são utilizados como representação metafórica das tentativas baldadas de uma entidade satânica, repleta de ciúme e de vingança, que tenta invadir o céu, mas que é rechaçada em seus intentos. Para dar maior intensidade à imagem, a autora optou pelo uso de fonemas que remetem tanto à sibilância causada pela passagem do vento quanto ao som dos trovões. Tudo isso, porém, não elimina da beleza dessas noites. As nuvens, por outro lado, são comparadas às cabeças brancas dos idosos, em uma alusão ao passado. Tudo acaba sendo sintetizado em uma frase isenta de verbo que fecha o poema: “O sonho mudo/ do inverno resfriado da noite”, cujo campo semântico remete a uma ideia de desilusão.

Outro detalhe a ser observado é que no verso inicial de cada um dos sonetos há sempre um recuo. Não se trata de algo aleatório ou de apenas uma falha de diagramação, mas sim de algo planejado, pois em cada um desses espaços pode ser reproduzida a palavra “noites”, perfazendo os seguintes conjuntos: “noites de lua”, “noites escuras”, “noites ermas” e “noites de inverno”, que podem ser associados à imagem das fases da lua, em um ciclo que alterna brilhos intensos e faces ocultas ou semiocultas, com as respectivas presenças ou ausências das estrelas e seus brilhos. Então, para compor esse cenário lunar, no último soneto, que lembra as noites de inverno, não há a presença das estrelas, mas sim de nuvens que toldam o céu.

Ramos (1993, p. 26) comentou que Laura Rosa costumava comparar seus poemas a “bolhas de espumas, que se desfazem no mar, restando cousa nenhuma”. No entanto, o que se pode notar na leitura de seus poemas é a presença de uma escritora que dominava as técnicas da confecção de poemas clássicos, que tinha predileção por textos ritmados e rimados e que, pelo menos até aquele momento, não fazia muitas concessões ao estilo modernista que ganhava espaço na época em que ela produzia seus poemas.

Tanto no livro organizado por Motta (2016) quando nos poemas publicados em antologias e jornais, há a presença de diversos temas que permeiam a obra dessa autora que permanece esquecida pela crítica e que tem seus trabalhos pouco divulgados. Alguns desses temas estão ligados à religiosidade; outros, aos acontecimentos fortuitos da vida, como a descrições de uma aranha tecendo sua teia, de formigas que seguem seu rumo, de uma tempestade que se aproxima ou de um garoto que pede esmolas na rua. Tudo isso envolto em

um lirismo inventivo e composto em linguagem poética, quase sempre composta de palavras simples, mas carregadas de metáforas.

Considerações Finais

Alguns poemas de Laura Rosa, importante escritora maranhense que nasceu em 1884 e faleceu em 1976, ainda são praticamente desconhecidos do público leitor, principalmente por terem sido publicados em jornais do início do século XX e não fazerem parte de livros de/sobre a autora. É o caso de “Poema das Noites”, conjunto composto por quatro sonetos que têm como temática central os diversos aspectos da noite.

Percebe-se ao longo do poema uma opção da autora pela vertente simbolista da literatura. A construção das quatro partes do poema demonstra não apenas inspiração, mas também um elaborado jogo de imagens e de palavras, levando o leitor a entrar em contato com elementos linguísticos que remontam à necessidade de entender o texto na sua integridade. Embora os quatro sonetos que compõem o poema possam ser lidos de modo independente, porém são compreendidos de modo mais apropriado quando vistos em uma sequência que, simbolicamente remetem às quatro fases da lua.

A obra de Laura Rosa, assim como a de outros/as escritores/as pouco estudados, é um terreno fértil para estudos sobre as mais variadas temáticas e pode servir como ponto de partida para uma compreensão mais ampla da história da literatura maranhense, tanto com relação à participação das mulheres nas letras, quanto sobre as temáticas abordadas por esses autores e autoras pouco explorado/as em estudos acadêmicos.

REFERÊNCIAS

BASTOS, Cleverson; KELLER, Vicente. **Aprendendo a aprender: introdução à metodologia científica**. 20 ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

CORREIO DA TARDE. São Luís, 10.10.1911/26.10.1911. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em 10.06.2022.

DIÁRIO DE SÃO LUÍZ. São Luís, 16.02.1916. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em 10.06.2022.

FERREIRA, José Jansen. Discurso de posse de José Jansen Ferreira. In: **Revista da Academia Maranhense de Letras**. São Luís: Edições AML, ano 91, vol. 22, jul/2010. p. 85-94.

GOULART, Audemaro Taranto; SILVA, Oscar Vieira da. **Introdução ao estudo da literatura**. Belo Horizonte: Editora Lê, 1994.

JORNAL POSIÇÃO. São Luís, 01.01.1977. Disponível em: <http://casas.cultura.ma.gov.br/portal/bpbl/acervodigital/>. Acesso em 12.06.2022.

LIMA FILHO, Arthur Almada. **Efemérides maranhenses**. Imperatriz: Ética, 2014.

LOBO, Antônio. **Os novos atenienses**. 5 ed. São Luís: Edições AML, 2021.

LOBO, Luiza. **Guia de escritoras da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2006.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. 12 ed. rev. e ampl. São Paulo: Cultrix, 2004.

MOISÉS, Massaud (org.) **Pequeno dicionário de literatura brasileira**. 7 ed. atual. São Paulo: Cultrix, 2014.

MOTTA, Diomar das Graças (org.) **Poesia reunida de Laura Rosa**. São Luís, Edições AML, 2016.

RAMOS, Clóvis, **As aves que aqui gorjeiam: vozes femininas na poesia maranhense**. São Luís: Sioge, 1993.

ROSA, Laura. Discurso de Laura Rosa. In **Revista da Academia Maranhense de Letras**. São Luís: Edições AML, ano 80, vol. 20, dez/1998. p. 13-24.

ROSA, Laura. **Poemas da Noite**. In: Folha do Povo, 21.11.1925. <http://casas.cultura.ma.gov.br/portal/bpbl/acervodigital/>. Acesso em 12.06.2022.

RODRIGUES, Auro de Jesus. **Metodologia Científica**. São Paulo: Avercamp, 2006.

VALLE, José Ribeiro de Sá. **Antologia Maranhense**. São Luís: Estabelecimento Gráfico Ramos de Almeida & Cia, 1937.

VIANA, Fernando. **Passarela & outros perfis**. São Luís: Edições AML, 1991.